



**GNOATTO, Vanucia\***

<https://orcid.org/0000-0002-0199-7127>

**RESUMO:** O presente artigo propõe analisar alguns aspectos da história de migrantes brasileiras retornadas, buscando compreender como estas mulheres experienciam seus retornos tanto para o Brasil como para o Paraguai. Trata-se de um estudo de história oral de vida e história oral temática, que busca reconstituir trajetórias de vidas e migratórias, realizado a partir da técnica da entrevista aprofundada, de forma *online* e presencial, entre janeiro de 2021 e abril de 2023. O trabalho foi dividido em duas seções. Na primeira seção, contextualizou-se, de forma geral, a ida e o retorno, elencando causalidades das emigrações. Na segunda seção, foram trabalhadas as duas histórias de retornadas e as suas particularidades. Conclui-se que o retorno nem sempre é o fim da carreira migratória de um sujeito e que as experiências de retornos de mulheres nos revelam outras camadas e complexidades que análises mais gerais não nos mostrariam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração de retorno; Mulheres; Paraguai.

**ABSTRACT:** This article proposes to analyze some aspects of the history of returning Brazilian migrants, seeking to understand how these women experience their returns to both Brazil and Paraguay. This is a study of oral life history and thematic oral history that seeks to reconstruct life and migration trajectories, carried out using the in-depth interview technique online and in person in January 2021 and April 2023. We divided the work into two sections, in the first generally contextualize the departure and return, listing causalities of emigrations. In the second, we work on the two stories of returnees and their particularities. It is concluded that return is not always the end of a subject's migratory career and that women's return experiences reveal other layers and complexities that more general analyzes would not show.

**KEYWORDS:** Return migration; Women; Paraguay.

---

\* Doutora em História pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: vanuciagnoatto@gmail.com.



## INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe analisar alguns aspectos da história de migrantes brasileiras retornadas para o Brasil e para o Paraguai, que residem atualmente em um dos dois países, buscando compreender como estas experienciam seus retornos para ambos países após a primeira emigração.

Trata-se de um estudo utiliza a metodologia da História Oral, na modalidade de História Oral de Vida e Temática, por buscar reconstituir trajetórias de vida e migratórias, nesse caso, de migrações de retorno. Quanto a essas modalidades, para Meihy e Seawright (2020, p. 66), "trata-se, em *história oral de vida* de construção de conhecimento sobre uma pessoa ou grupo de outra natureza. Dessa forma, mais do que a estabilidade do fato histórico, na *história oral de vida* estima-se a experiência como valorização dos filtros subjetivos, das impressões pessoais". Já a história temática é "a forma que mais se presta às análises que confrontam opiniões ou vistas diferentes de um mesmo ponto ou assunto" (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 69).

As entrevistas com as interlocutoras fazem parte de um acervo constituído durante a pesquisa de doutorado em História com migrantes brasileiros(as) retornados(as)<sup>1</sup>. Ambas não foram utilizadas no trabalho, sendo realizadas de forma *online* com uma entrevistada, residente no distrito de Abaí, no departamento de Caazapá, Paraguai, em janeiro de 2021; e, de forma presencial, com uma entrevistada, residente em Santa Terezinha de Itaipu, no estado do Paraná, Brasil, em abril de 2023.

As duas colaboradoras viviam no meio rural como agricultoras em estados sul brasileiros. Emigraram com seus pais e irmãos para o campo paraguaio em busca de melhores condições de vida e, para tanto, contaram com a presença de redes familiares e sociais em suas migrações e inserções em novos territórios, identificando-se, em seus retornos, como *brasiguaias*.

---

1 As entrevistas foram realizadas após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, RS, sob o nº4.376.454. Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que possibilita a utilização dos dados. A fim de resguardar suas identidades, optou-se por utilizar apenas o primeiro nome das entrevistadas.

O ato de entrevistar é “*transitar* no mundo do outro” e escutar e “dar abrigo à Palavra ouvida – muito além da vibração do tímpano e dos ossos auditivos” (SEAWRIGHT, 2023, p. 35). Nesse processo, que acontece por meio das entrevistas, tem-se acesso às memórias. De acordo com Bosi (2004, p. 55), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Logo entende-se que a memória é trabalho.

Assim sendo, com base no estudo destas memórias, fruto de um trabalho com as entrevistadas, este presente artigo é apresentado em duas seções. Na primeira seção, é abordada a contextualização de ida e de retorno dos(as) brasileiros(as) ao/do Paraguai. Na segunda seção, dividida em dois tópicos, são apresentados aspectos das histórias das mulheres brasiguaias em seus frequentes percursos de ida e volta entre os dois países. Por fim, como forma de conclusão, são retomados aspectos centrais dos casos articulados à migração de retorno.

## **POSSÍVEIS CAUSALIDADES DA EMIGRAÇÃO PARA O PARAGUAI E DO RETORNO PARA O BRASIL**

A emigração de brasileiros(as) ao Paraguai, objetivando o trabalho em atividades agrícolas, se dá em fluxos diferentes. O primeiro fluxo aconteceu na década de 1960, constituído por imigrantes originários do Norte e Nordeste do Brasil. Posseiros, que passaram pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná e no país vizinho, prepararam o terreno para a expansão da fronteira agrícola capitalista. O segundo fluxo, ocorreu na década de 1970, com a predominante emigração de camponeses que partiram do Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, visando terras baratas e férteis. Por sua vez, o terceiro fluxo, ocorreu com o retorno que se intensificou na década de 1980 (BÁRBARA, 2005).

Estes fluxos migratórios ao Paraguai aconteceram dentro de um contexto de aproximações diplomáticas entre os dois países com objetivos geopolíticos, por meio de acordos e obras (ALBUQUERQUE, 2005; GNOATTO, 2025). Este movimento migratório é resultado de uma política migratória adotada pelo governo do Paraguai e

aceita pelo governo do Brasil. Desta forma, *“los dos haciendo de la frontera una válvula de escape, de la misma manera que Frederick Jackson Turner nombró las fronteras del oeste estadounidense al final del siglo XIX”* (TEDESCHI, 2020, p. 58).

As causalidades que movem os sujeitos a emigrarem são várias e diferenciadas. Se pensarmos sobre a emigração de brasileiros(as) para o Paraguai, os processos também são múltiplos. Um deles refere-se ao processo de modernização agrícola conservadora, a partir da década de 1970, que levou à diminuição da oferta de trabalho no campo devido à mecanização e encarecimento de tal modelo agrícola para o pequeno agricultor, trazendo dificuldades para este permanecer na produção agrícola. Esse processo ocorreu em um momento em que também ocorriam movimentos espontâneos em busca de terras e trabalho em novas fronteiras agrícolas, devido, em muitos casos, ao fracionamento das pequenas propriedades familiares e à valorização das poucas áreas agricultáveis disponíveis nos territórios de origem.

Outro fator que pode ser considerado é a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu, que ocasionou a expulsão de inúmeras famílias lindeiras ao Rio Paraná, e a emigração de muitos destes ao Paraguai (ALBUQUERQUE, 2005; BALLER, 2014; GNOATTO, 2025).

Nesta e/imigração, de acordo com Tedeschi (2020, p. 62), tanto *“las mujeres, como los hombres que compusieron la historia de colonización/ocupación de tierras “más allá de las fronteras”, construyeron de forma diferenciada sus historias y sus memorias sobre lo que vieron y vivieron en ese período”*. Desse modo, as formas de organização familiar, de trabalho e de socialização incorporadas pelas famílias migrantes, demonstram distintas estratégias de produção e reprodução social; permitindo inferir que, mesmo que todas as famílias tenham estado inseridas no mesmo programa de colonização, suas trajetórias se diferenciam, revelando uma diversidade de experiências e posicionamentos individual e coletivo, marcados pelas relações de gênero.

Já quanto à migração de retorno na década de 1980, de acordo com Sprandel (1992, p. 29), a “situação tensa enfrentada por famílias de brasileiros que começavam a ser expulsas pelo fim dos arrendamentos e pelo problema de legalização de terras”

teria impulsionado o ato. As principais dificuldades relatadas pelos brasileiros eram as questões de documentação, produção, comercialização, mercado de terras, bem como a atuação de autoridades locais e do Estado paraguaio.

É necessário considerar, também, as mudanças na política e na economia do Paraguai. Houveram, ainda, uma diminuição de empréstimos agrícolas do Banco Nacional de Fomento e o fim dos contratos de arrendamentos disponíveis aos agricultores pobres, tornando inviável a pequena produção. Nesse contexto, no Brasil, em 1985 e com o restabelecimento da democracia, surgiu a possibilidade de uma reforma agrária, com a implementação do Programa Nacional de Reforma Agrária. Por outro lado, no Paraguai, em 1989, a ditadura findou e os grupos camponeses passaram a exigir com mais afinco o direito à terra.

Essas mudanças políticas que ocorreram nos dois países levaram à migração de retorno, onde os imigrantes brasileiros mais pobres não conseguiram fazer frente à realidade de grande concentração de terras do Paraguai, sendo atraídos ao Brasil devido à promessa de terras. Tal fato, por sua vez, levou à formação de grupos de brasileiros que se organizaram politicamente para retornarem ao país de origem, acampando nos municípios brasileiros fronteiriços, reivindicando o direito à terra e a cidadania brasileira. Sendo então denominados *brasiguaios* (ALBUQUERQUE, 2005; BALLER, 2014).

Na migração de retorno de brasileiros(as) do Paraguai, percebe-se uma multiplicidade de fatores que influenciaram na decisão de voltar, ainda mais evidente nos relatos das mulheres. Entre estes, cabe evidenciar o contexto atual, marcado pela forte presença do agronegócio - modelo neoextrativista (SVAMPA, 2019).

Em distritos de departamentos fronteiriços, produz contradições, conflitos, problemáticas socioambientais, tais como desmatamento, contaminação do ambiente devido à utilização abusiva de agrotóxicos e efeitos nocivos à saúde humana (FOGEL, 2005; 2019). Tais fatores aumentaram as desigualdades sociais e econômicas que provocaram um expressivo retorno de brasileiros(as). Somam-se a isso, a busca por recursos sociais pouco ou nada acessíveis aos(as) imigrantes no país de destino, principalmente os serviços na área da saúde pública com o SUS, algo que acabou ocasionando um caminho inverso (GNOATTO, 2025).

Há uma diversidade social, econômica e cultural entre imigrantes brasileiros(as) no Paraguai e, com isso, no retorno, percebe-se uma diversidade de formas de retornos e uma multiplicidade de causas que acabam levando ao retorno. Essa pluralidade, marcada por desigualdade sociais, raciais, econômicas e de gênero também é observada entre as mulheres retornadas (GNOATTO, 2025). Algo que também se verifica a partir dos relatos aqui analisados.

Nas duas trajetórias, é bastante perceptível o papel das redes familiares e sociais nas emigrações, nas estadias no país de destino e nos retornos experienciados por elas. As redes, ao sustentarem e articularem imigrantes, “se auto-alimentam”. Segundo Tedesco (2010, p. 98), as realidades de trabalho, “as oportunidades econômicas, as informações, os graus e hierarquias afetivas, as interações entre migrantes e não-migrantes, entre aqueles e os já migrados e autóctones” produzem e são produtos “de vínculos, relações sociais e interdependências”. De acordo com Soares (2002, p. 4), essas realidades trabalham “como circuito de tráfego no ambiente social, como trajetórias relacionais possíveis que ligam certos atores/nós e fornecem, a um só tempo, oportunidades e constrangimentos”.

O retorno, para Tedesco (2022, p. 438), “envolve múltiplos processos, atores, experiências, estatuto jurídico, projetos migratórios, etc”., mostrando “formas de vida vividas antes, durante a imigração, bem como o que se projeta para depois”. Nestes, vemos “protagonismos, racionalizações movidas pelas duplas ausências e presenças ao mesmo tempo”. Enquanto alguns estão indo, outros estão retornando. “Muitos dos que voltaram, vão de novo, outros não retornam mais a ser imigrantes, porém permitem a saída de outros membros da família e, assim, as realidades vão se alimentando por múltiplos fatores e heterogeneidades” (TEDESCO, 2022, p. 448).

Mediante a análise das duas entrevistadas, verifica-se uma sequência de retornos ao Brasil e ao Paraguai. Nessa sequência migratória, o imigrante não quer se fixar nem retornar, pois ele se acostuma com a condição de migrante, que se movimenta. Assim sendo, o que o determina não é mais o lugar de origem ou o de destino, mas sua condição de sem lugar. Dessa forma, “o retorno (não definitivo) é



apenas mais um elemento de confirmação da condição de migrante” (SILVA; FERNANDES, 2013, p. 6).

O retorno não definitivo é experienciado por uma migrante retornada, residente no Paraguai, e outra migrante, residente no Brasil, conforme é apresentado na segunda seção, dividida em dois tópicos.

### **“SEMPRE VOU SER UMA ETERNA BRASIGUAIA”: O RETORNO AO PARAGUAI DE ILGA**

A primeira entrevistada é Ilga, agricultora, natural de Missal, Paraná. Com seis anos, emigrou para o Paraguai juntamente com seus pais e irmãos, no ano de 1978. A família numerosa possuía uma pequena propriedade de terras, o que preocupava o pai de Ilga, que, pensando no futuro dos seus 11 filhos, decidiu emigrar ao país vizinho, buscando aumentar a sua propriedade.

Motivado por uma rede constituída por vizinhos e amigos que já haviam adquirido terras e emigrado ao país vizinho, seu pai optou por trocar a propriedade do Paraná por uma mais extensa em Tupã Renda, no departamento de Alto Paraná, área pertencente ao distrito de Abaí, no departamento de Caazapá, onde a entrevistada reside.

Após seu casamento, a entrevistada realizou sua primeira migração para a localidade de Nova Esperança, também no mesmo distrito de Abaí, onde viveu por quatro anos, numa área de quatro alqueires. Com o retorno de seus sogros para o Brasil, mais precisamente para Missal, Paraná, Ilga e o marido optaram por retornar para o Brasil.

Era um lugar novo, que tinha aberto, era meio complicado ainda, daí não se conseguia plantar, não se conseguia colher, às vezes, não se conseguia ceifa. Daí, com isso, o meu marido resolveu que queria morar no Brasil, que os pais dele tinham voltado para lá. Quis morar para lá e acabamos indo, [nos] aventuramos (Ilga, *online*, 28 de janeiro de 2021).

Assim, o casal optou pelo município devido à presença de uma rede familiar a vinculada ao esposo, onde o padrinho cedeu uma área para este trabalhar. Ilga, no

ano de 1993, retornou para o município de Missal, no Paraná, onde, com o esposo, arrendaram terras do padrinho deste. Desta forma, percebe-se que “muitos migrantes só conseguem migrar, porque sabem que podem contar com um ponto de apoio, seja de conterrâneos, parentes, amigos e familiares” (TEDESCO, 2022, p. 293).

Nesta área, no ano de 1994, o casal trabalhou por um ano até conseguir vender a propriedade no Paraguai para, assim, adquirir cinco alqueires no município vizinho de Santa Helena, Paraná. Porém, como as terras não eram favoráveis e eram poucas, decidiram trabalhar como empregados na atividade leiteira e agrícola como caseiros em outra propriedade do mesmo município, por um período de cinco anos. *“Nossa terra era meia fraquinha, com o tempo acabamos desacorçoando um pouco, arrumamos um emprego lá para tirar leite, [...] foi bom trabalhar com eles lá, pagavam bem até”* (Ilga, *online*, 28 de janeiro de 2021).

No ano de 2004, a família retornou ao Paraguai, onde reside até hoje.

O meu irmão, que trabalhava aqui com o pai e a mãe, ele queria morar na terra dele, né? Daí abriu a vaga para virmos para cá e resolvemos voltar [...]. O pai precisava de alguém para trabalhar aqui [...]. Podendo vir morar aqui com o pai, ele dava uma renda maior, daí nós pudemos comprar mais um pedacinho de terra, era uma terra que produz mais, né? Hoje nós moramos aqui com a mãe, plantamos a terra dela e ganhamos a renda. Daí, nós temos a nossa própria, também conseguimos plantar. Financeiramente, é melhor para nós aqui [...]. Não era, porque era um país ou porque era outro, era porque a proposta de trabalho era melhor aqui do que lá (Ilga, *online*, 28 de janeiro de 2021).

O retorno foi motivado por uma proposta melhor de trabalho no Paraguai. Além disso, encontraram uma infraestrutura melhor do que quando saíram deste país, como, por exemplo a existência de luz elétrica. Observa-se, nesse caso, como existe uma comparação entre o lugar deixado e o lugar chegado, entre aqui e lá. Na migração, existe um constante “jogo comparativo entre os lugares *deixado* e *chegado*, sobretudo, para além dos lugares enquanto localização; dos lugares na relação com os sujeitos e nas relações que estes desenvolvem, principalmente, pelo Trabalho” (GOETTERT, 2008, p. 65). E essa comparação foi decisiva para a tomada de decisão quanto ao retorno.



Como possuem familiares e amigos no país de origem, constantemente realizam visitas a estes no estado do Paraná. Ao ser questionada como se sente ou se define, Ilga expressa:

Tem uma música assim: “Brasil é minha pátria, Paraguai é meu país”. [A gente] se sente migrante aqui [...]. Eu gosto muito daqui, me criei aqui, mas apesar disso, eu não aprendi a língua daqui, e os costumes daqui também. A gente trouxe todos os costumes do Brasil, daí a gente usa muita coisa de origem alemã, até mais [que] essas coisas de origem paraguaia, mesmo nós não somos muito, né? Músicas, nos bailes por aqui, é tudo coisa do Brasil. A única coisa que nós pegamos do Paraguai é o tererê. Daí, eu acho que sempre vou ser uma eterna brasiguaia (Ilga, *online*, 28 de janeiro de 2021).

O enorme número de brasileiros(as) que partiram do Paraná - mais precisamente da mesma localidade em que residia a entrevistada e que fixaram residência no Paraguai próximo à família desta - viabilizou uma preservação de costumes e de elementos característicos da mesma cultura, ligados à identidade étnica (alemã), regional (gaúcha) e nacional (brasileira). Como constata: “O pessoal [aqui] *tem todos os mesmos costumes que os de lá* [Brasil]” (Ilga, *online*, 28 de janeiro de 2021). Ou seja, a existência de uma rede cultural dificultou, de fato, uma integração com a cultura paraguaia. A rede, segundo Ilga, se expressa por meio das línguas, músicas, festas e costumes. Esta rede ideológico-cultural, vinculada à cultura e identidade, é muito forte entre os(as) imigrantes e se expressa também pelos meios de comunicação brasileiros, dos CTGs no Paraguai (HAESBAERT; BÁRBARA, 2001).

A entrevistada afirmou que apenas o tererê - bebida considerada patrimônio imaterial do Paraguai - foi adotada por ela. Sua forte ligação com o Paraguai - que faz com que se defina como brasiguaia - ficou restrita a uma identidade e territorialidade constituída por imigrantes teuto-brasileiros e sulistas. Percebe-se, nesse caso, que há, entre uma parcela dos brasileiros(as) no Paraguai, “uma territorialidade fechada em si mesma, que reproduz uma face mais “tradicional” da identidade, seja evidenciando seu caráter conservador, exclusivista e de reterritorialização de dominação meramente econômica-funcional” (MONDARDO, 2018, p. 321), em que apenas alguns elementos são adotados da outra cultura, como no caso do tererê, para Ilga.

O relato da entrevistada também leva à reflexão de como a questão econômica, articulada a questões familiares, foi central para que Ilga e sua família realizassem migrações de retorno, tanto ao Brasil como para o Paraguai. A opção por um dos dois países relaciona-se às vantagens ou desvantagens de cada um, dentro dos contextos de tomada de decisão do casal sobre a migração.

### **“FICAMOS MAIS BRASIGUAIOS QUE BRASILEIROS”: ROSELAINE E SEU RETORNO PARA O BRASIL**

A segunda entrevistada é Roselaine, esteticista, natural de Roque Gonzales, Rio Grande do Sul. Emigrou com os pais e irmãos para o Paraguai quando tinha 13 anos, no ano de 1989. Roselaine e seus pais trabalhavam como boias-frias na atividade da capina em lavouras da região, que eram de propriedade de agricultores que lhes contratavam por empreitada em plantações de soja. Sobre o trabalho, constata que: *“Nós trabalhávamos de dia para comer de noite, era tipo escravo”* (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023).

A família vivia de forma itinerante. Esta, conforme Sales (1996), é a característica do(a) trabalhador(a) do campo, aspecto presente desde o período colonial até os(as) trabalhadores(as) do campo remunerados(as), como os(as) clandestinos(as) e os(as) boias-frias. É uma decorrência das estruturas vinculadas à influência predominante da política e economia dos latifúndios, responsável pela ocupação da fronteira agrícola brasileira. Assim, a mobilidade do(a) trabalhador(a) do campo brasileiro, na década de 1970, tem um fator condicionante, que se adiciona aos já existentes na composição de posse e concentração da propriedade da terra, chamada de modernização e tecnificação agrícola.

Por influência de um familiar que foi conhecer a área de colonização em terras paraguaias e retornou para Roque Gonzales, no Rio Grande do Sul, a família, formada pelos pais e sete filhos, emigrou em uma rede formada por cinco famílias de vizinhos e familiares, para o distrito de Naranjito, departamento de Itapúa, Paraguai, cruzando a fronteira pela província argentina de Misiones. As mesmas famílias se estabeleceram todas próximas para manter a língua e se ajudar, trabalhando em atividades agrícolas, como o plantio de soja. O lugar era marcado pela presença forte

de indígenas que falavam somente o idioma guarani, o que desafiou ainda mais o pequeno grupo de imigrantes recém-chegados a se abrir para uma integração.

Após alguns anos, o pai da entrevistada adquiriu uma área onde a família se estabeleceu. Quanto à relação com os paraguaios, a entrevistada afirma que: *“Nós não tínhamos como voltar, nós tínhamos dinheiro para chegar e comer, então nós respeitamos eles e eles também [a nós]”* (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023). Com o passar dos anos, Roselaine foi se integrando à cultura paraguaia, casou e teve quatro filhos.

Porém, o fato de morar no campo, sem possibilidades de um trabalho remunerado fora de casa, tornou-a dependente e presa a um relacionamento abusivo com seu parceiro.

A gente sofreu muito, porque a gente viveu uma vida, vamos dizer assim... escravizada, porque não tinha lei para nada. Não tinha lei para nada! Não adiantava, se você apanhava, não adiantava ir lá, porque era capaz de você ir presa. Eu creio que eu, como mulher, e muitas outras, a gente consegue falar esse tema, porque assim... foi muito difícil. O meu marido era muito agressivo. Era uma pessoa que trabalhava muito, muito, só pensava em trabalhar e uma agressividade assim muito grande. A gente sofreu por muitos anos caladas [...]. Era chorar e esperar o tempo passar, mas tudo passou [...]. Não tinha lei para essas coisas. Ou você ficava lá ou você ficava [...]. Foi muito sofrido! (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023).

A falta de leis e punições para agressores, segundo a entrevistada, tornava muitas mulheres vítimas de agressões, ameaças e abusos dos esposos. A situação era mais delicada, pois havia ilhos envolvidos. Roselaine relatou que, nos momentos em que tentava sair de casa com seus filhos, estes lhe eram retirados pelo seu esposo. O relato de sua trajetória, bastante doloroso e difícil neste ponto, parece como algo reivindicado por ela para demonstrar que sobreviveu e como muitas mulheres são também vítimas de violência doméstica. Para Seawright (2023, p. 35):

[...] a recordação da dor, que é dolorida em função da lembrança no momento da fala – quase como se a pessoa sofresse tudo novamente durante a entrevista! – não tem nada com “resgate de memória”. Matéria em movimento, as lembranças não se deixam “resgatar”, porque são sempre reelaboradas no momento da narrativa [...] Tais lembranças trazem a lume sonoridades e imagens que se articulam, mútuas, em relações de gênero. [...] Memórias de mulheres atingidas parecem retirar forças das lembranças para recriar, no horizonte do

urgente, espaços de sobrevivência. No centro das preocupações estão as *comunidades* daquelas que padecem com as agressões e os seus operadores.

Nesse meio tempo, a família migrou para o interior do distrito de Santa Rita, no departamento de Alto Paraná, onde o esposo da entrevistada pode ampliar a propriedade e o plantio de soja, tornando-se um fazendeiro. Tal fato elevou o *status* social do casal na sociedade santarritense, levando a uma cobrança social maior para a entrevistada, pertencente agora à elite do distrito.

A experiência imigratória de Roselaine foi marcada por diversas situações de violência, tanto doméstica quanto de assaltos e sequestro. Em uma dada ocasião, seu esposo foi assassinado, levando-a a repensar sua presença no Paraguai

Depois que eu perdi o meu marido, fiquei mais uns anos lá, meus pais já tinham voltado para o Rio Grande, aí começou vir um irmão para o Brasil, veio outro, aí eu pensei: “eu também vou, eu não vou ficar aqui”. Nossa intenção era vir para o Paraná e ficar no Paraná. Lá no Rio Grande, a gente ama, eu amo a minha terra natal! E aqui estamos três irmãos agora e também vieram os parentes que foram conosco para o Paraguai. Estão todos aqui hoje (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023).

O retorno de familiares, os assaltos, a morte do esposo, principalmente um sequestro vivenciado por Roselaine pelos filhos, foram os fatores que motivaram o retorno desta ao Brasil. A sensação de insegurança e a impunidade de crimes cometidos, principalmente contra imigrantes, fez com que vendesse as propriedades e retornasse. O trauma gerado pelo sequestro levou-a a uma depressão com consequências ainda hoje em seu quadro emocional.

Percebe-se, em sua fala, como a experiência do retorno se deu por meio de uma rede familiar que influenciou e articulou o estabelecimento de todos familiares em Santa Terezinha de Itaipu, demonstrando também como o retorno se deu de forma ordenada. Para Tedesco (2022, p. 288), as redes geralmente “expressam interesses, estratégias, otimização de fatores e, com isso, demonstram que imigrantes são também sujeitos e atores de um amplo processo relacional e intencional que os mobiliza nos espaços”.

Em seu retorno, a entrevistada saiu do interior e passou a viver na cidade. Por meio de sua experiência, evidencia-se que “*voltar é mais difícil do que partir*” ou seja,

que o retorno se torna mais complexo do que a emigração (ASSIS; CAMPOS, 2009, p. 80). Ao retornar, Roselaine sentiu preconceito pelo seu jeito de ser e de se expressar.

Eu sofri muito quando eu vim para o Brasil. A gente tinha muito sotaque de lá [...]. Eu tinha vergonha de falar [...]. As pessoas olhavam para a gente de uma maneira assim: "de onde vem essa caipira?!" [...]. Tinha pessoas que riam da gente [...]. Quando eu cheguei aqui no Brasil, parecia que eu não era brasileira, parece que eu vim de outro planeta. A gente morou sempre esses anos lá, definitivamente. A gente vinha para o Brasil só para passear. A gente não tinha noção! Foram muitos anos fora do Brasil. Daí tipo... você vem, você já quer voltar [...]. Eu não me alhava! Com fala: eu não me acostumava!

Roselaine experienciou situações de discriminações que a fizeram pensar em retornar ao Paraguai. Nesse caso, havia um preconceito de origem geográfica e de lugar para com esta, que, para Albuquerque Júnior (2017, p. 11):

[...] é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior.

Ainda, conforme Pinto (2016, p. 221) observa, “os brasiguaios ao trazerem consigo os elementos simbólicos historicamente produzidos por suas experiências no Paraguai, são inferiorizados pelo grupo majoritário e já estabelecido, ou seja, os brasileiros”. Constata-se, desse modo, que há uma relação de poder entre estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000), em que os estabelecidos (brasileiros), residentes há mais tempo, inferiorizam os *outsiders* (brasiguaios), recém chegados, migrantes retornados, como no caso da entrevistada, que era vítima de discriminação devido ao seu sotaque, próprio de quem havia vindo do Paraguai.

Embora a entrevistada afirme gostar do seu lugar de origem, o fato de voltar de forma definitiva para o Brasil não era algo que estava nos seus planos, mas se deu em decorrência dos fatos tristes que a vitimaram e das situações que fugiram de seu alcance, como o retorno de seus familiares.

Eu gosto, sempre voltei para a minha terra natal, sempre passeio, sempre visitei e vou. Cada tempo que a gente pode, a gente vai. Mas assim... é um trâmite de vida que mexe com tudo, que mexe com a sua estrutura. Eu era uma criança, depois uma jovem adolescente. E você crescer naquele ambiente, a gente era mais fácil de se acostumar. Como o pai e a mãe, eu lembrava que falavam: “Não, eu vou ficar aqui por um tempo, eu não quero ficar aqui. Então, eles não dividiam aquele pensamento deles conosco, a gente escutava o que eles falavam e eu me perguntava: “mas porque, se aqui tá mais ou menos?” (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023).

O retorno é um elemento constitutivo da condição do migrante (SAYAD, 2000), é algo que é desejado pelos imigrantes enquanto estes se encontram nos países de destino. Conforme o relato de Roselaine, percebe-se como nos processos migratórios existe um conflito de projeto e desejos geracionais entre pais e filhos. Nesse caso, nota-se ainda que “o projeto de retorno é parte constitutiva do projeto migratório” (ASSIS; CAMPOS, 2009, p. 80). Ou seja, o pai da entrevistada, nos 18 anos que viveu fora do país, desejava o tempo todo retornar e Roselaine, até aquele momento, desejava permanecer

O desafio no retorno também se deu em sua inserção no mercado de trabalho.

Foi bem difícil, porque eu não tinha profissão nenhuma e eu me envergonhava. Quando você vai fazer um cadastro, que nós lá não temos essas coisas. Qual é a tua profissão? Qual é o teu estudo? Nenhum! Eu me sentia zerada! Eu me sentia assim: “meu Deus! Não sou ninguém!”. Aí eu comecei a fazer cursos, estéticas pra lá e pra cá (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023).

Tendo por base os dados de 2010 do IBGE, sistematizados por Oliveira (2016), constata-se que o coletivo de retornados do Paraguai caracteriza-se por ser um dos grupos que possui, em sua grande maioria, pouca ou nenhuma formação escolar, entretanto, é o que mais está inserido no mercado de trabalho. Com o curso de estética, aplicado por um professor inserido em projetos sociais, que lhe apresentou diferentes realidades em vários espaços, como em favela, cadeia e asilo, a entrevistada conseguiu perder o medo e a insegurança quanto às pessoas. Com uma maior socialização na sociedade devido ao curso, conseguiu se inserir em uma rede vinculada à política local e, por meio de sua campanha para um candidato, obteve uma vaga como professora de estética, exercendo o papel de docente.

Porém, a violência sofrida na escola pela filha fez com que ela retornasse com os filhos para o Paraguai.

A minha filha foi agredida muito forte na escola [...]. Lá nós temos educação, as escolas são muito rígidas [...], os pais ainda permanecem governando os seus filhos. Então, quando nós viemos para cá, a gente via que era um sistema diferente [...]. Quando ela começou a estudar, a menina a levou para o banheiro e bateu nela, se a outra não entrasse... ela arrancou dois dentinhos. Daí nessa época, eu voltei. Eu fiquei com muito medo! Lá não acontece [...]. Aqui a gente não vê segurança nas escolas [...]. Daí nessa época que eu voltei, [pensei] vão matar meus filhos aqui! (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023).

Percebe-se, na fala da entrevistada, uma constante comparação que existe nos processos migratórios, onde há uma ideia de “aqui e lá” (GOETTERT, 2008), que, neste caso, acontece no ambiente escolar. Como esta afirma: “era um sistema diferente”, lá havia rigidez na escola, aqui havia a perda do controle dos alunos por parte da direção escolar e professores; lá tinha pais presentes cuidando dos filhos, aqui tinha pais ausentes; lá havia crianças educadas e delicadas, aqui havia crianças agressivas e indisciplinadas.

Segundo Roselaine, o fato de sua filha sempre ir bem vestida para a escola levou a colega a olhar e tratar a menina de forma violenta, culminando no retorno da família ao Paraguai. Porém, com a formatura e o desejo de cursar Agronomia por parte da filha, a família retornou para Santa Terezinha de Itaipu, PR. Neste retorno, a entrevistada afirma que procurou e procura trabalhar muito o seu emocional para se desenvolver e superar os traumas vividos.

No antigo país de destino, Roselaine possui ainda muitos amigos e conhecidos. Ao ser questionada quanto a sua identidade, afirmou se definir como brasiguiaia.

Como nós moramos muito tempo lá e gostamos do lugar, a gente se identifica como brasiguiaia, né? Porque às vezes até no sotaque a gente se esqueceu um pouco, porque falamos o português, mas algumas coisas a gente se enrola e pede: “não é isso em português?”. Então, brasiguiaia. O brasileiro que mora aqui, quando nós nos juntamos, os brasiguaios, nós falamos o alemão e o espanhol [...]. Ficamos mais brasiguaios que brasileiros (Roselaine, Santa Terezinha de Itaipu, 26 de abril de 2023).

Segundo a entrevistada, esta ainda hoje mantém e consome pratos paraguaios (comidas e bebidas), músicas e idiomas (espanhol e guarani); sendo que o contato, principalmente com os funcionários paraguaio, quando possuía fazenda no distrito de Santa Rita, mudou o seu jeito de ser. Nesse contexto migratório, a pessoa precisa “aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos a era da modernidade tardia” (HALL, 2010, p. 89).

No caso de Roselaine, constata-se que houve uma integração à cultura paraguaia, ao contrário da primeira entrevistada, e que a sua compreensão quanto à identidade brasiguiaia está ligada às práticas que caracterizam a cultura do país vizinho que esta incorporou para si em seu cotidiano. Evidencia-se, ainda, que esta abertura maior à cultura paraguaia produziu uma mescla que a levou a circular por identidades e territorialidades distintas.

No caso de Roselaine, nas migrações de retornos, tanto ao Brasil como ao Paraguai, a questão da busca pela segurança familiar foi o fator principal que a motivou. No primeiro momento, o retorno ao Brasil devido ao sequestro, assaltos e assassinato do esposo. Já em um segundo momento, devido à violência da qual uma das filhas foi vítima. Além disso, somam-se a influência de uma rede familiar e a busca por estudo para a filha como fatores que levaram aos seus retornos. Tais fatores levam à conclusão de que não são somente os fatores econômicos os responsáveis pelas migrações de retorno, mas somam-se questões ligadas à busca pela qualificação profissional e segurança.

Percebe-se, entre estas migrantes retornadas, que existem semelhanças e diferenças nas experiências de retornos. Ambas as emigrações ao Paraguai e, posteriormente, os retornos, possuem fortes influências de redes, principalmente familiares. Entre as duas, há distinções de classes ao se analisar o contexto que levou à partida da família paterna ao Paraguai.

Enquanto uma queria ampliar a propriedade, a outra buscava sair de uma condição de trabalho análogo à escravidão. As duas tinham uma vivência no campo antes de emigrar e como imigrantes no país de destino. Ambas se definem como



brasiguaias pelos anos que viveram no Paraguai e que ainda vivem. Porém, a hibridização cultural somente se deu no caso da que retornou. Quanto às motivações para o retorno, também se observa que há distinções e que estas estão ligadas à educação, segurança e melhores oportunidades de trabalho no campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, a partir do estudo, que ser uma mulher migrante, conforme Tedeschi (2020, p. 73), ao citar Goettert (2008, p. 102), é viver duplamente as contradições *“es ser dos personas al mismo tiempo, cada una constituida por relaciones sociales historicamente definidas, marcadas por las representaciones de género; es vivir con el presente y soñar con el pasado”*. É também *“fazer-se, desfazer-se e refazer-se migrante”*. Tais evidências estão em conformidade com os casos das duas brasiguaias retornadas abordados no estudo, que realizaram sequências migratórias após seus primeiros retornos ao Brasil.

É importante considerar as causalidades das emigrações ao Paraguai, dentro de um contexto agrícola, e as causalidades dos retornos, que vão além da dimensão econômica, contemplando também outras necessidades das migrantes. Identificou-se, nas falas, várias comparações entre Paraguai e Brasil. Um fato identificado é que a situação mais favorável é optada devido à presença de redes, principalmente familiares, e a proximidade e baixos custos com o deslocamento na fronteira entre os dois países. Constatou-se, ainda, a existência de um projeto de retorno dos pais e de um projeto de fixação dos filhos no país de destino, revelando a existência de distintos projetos migratórios entre as gerações, no caso, na relação entre pais e filhos.

Observou-se que o fato de retornar e se fixar no campo, desempenhando as mesmas atividades agrícolas realizadas no antigo país de destino, se apresenta menos desafiador do que partir de um contexto rural para um urbano, em que a inserção laboral já é bastante distinta. Ainda, pode-se perceber que, na migração de retorno de brasileiros do Paraguai, há, para uma das entrevistadas, uma dificuldade maior, ao compararmos essa migração com a emigração ao Paraguai. Afinal, a integração aos costumes e cultura paraguaios tornou a entrevistada diferente de seus

conacionais, fazendo com que esta desejasse retornar, o que não foi observado no caso da outra entrevistada, inserida em uma rede cultural teuto-brasileira.

Por fim, o recorte pequeno de análise de histórias de mulheres retornadas, formado por duas entrevistas, revela o quanto a experiência migratória é múltipla em suas formas e em suas causas, e que o retorno nem sempre é a última etapa migratória dos sujeitos, “envolvendo múltiplos processos” (TEDESCO, 2022, p. 438) entre idas e vindas. Importante destacar, também, que tais processos são ainda mais complexos para as mulheres e, principalmente, para aquelas vítimas de múltiplas violências na fronteira, conforme apontado em um dos relatos.

## REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005, 265 p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2017.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson César de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*, vol. 1, n. 2, p. 80-99, 2009.

BALLER, Leandro. *Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014, 336 p.

BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguaios: território e jogo de identidades. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 333-346.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro - RJ, 2000.

FOGEL, Ramón. Efectos socioambientales del enclave sojero. In: FOGEL, Ramón; RIQUELME, Marcial. *Enclave sojero, merma de soberanía y pobreza*. Asunción: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005, p. 36-117.



FOGEL, Ramón. Efectos socio ambientales del modelo neo extractivista de desarrollo. *Cuadernos de Investigación*, vol. 5, 2019.

GNOATTO, Vanucia. *A multidimensionalidade na migração de retorno de brasileiros e brasileiras do Paraguai (1970-2020)*. Passo Fundo: Acervus, 2025.

GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para o Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados: Editora UFGD, 2008.

HAESBAERT, Rogério; BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. Identidade e migração em áreas transfronteiriças. *Geographia*, v. 3, n. 5, p. 45-65, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

MONDARDO, Marcos Leandro. *Territórios de trânsito: dos conflitos Guarani e Kaiowá, paraguaios e “gaúchos” à produção de multi/transterritorialidades na fronteira*. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. A migração de retorno para o Brasil no contexto da crise econômica. *Revista de Estudos Brasileños*, vol. 3, n. 5, p. 27-41, 2016.

PINTO, Sérgio Ricardo Aurélio. *Um “aconchego” para chamar de seu: conflitos identitários entre brasileiros e brasiguaios no Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel – PR*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2016, 137 p.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno, elemento constitutivo do migrante. *TRAVESSIA - Revista do Migrante*, ano 8, número especial, p. 1-36, 2000.

SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 1, n. 13, p. 87-98, 1996.

SEAWRIGHT, Leandro. *Vidas machucadas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2023.

SILVA, Romerito Valeriano da; FERNANDES, Duval Magalhães. Migração Internacional de retorno no Brasil: um novo desafio? In: *14º Encontro de Geógrafos da América Latina*, 2013, Lima. Anais do 14º EGAL. Lima - Perú: IGU - Comitê Nacional Perú, 2013.

SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal do Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002, 360 p.



SPRANDEL, Márcia Anita. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992, 276 p.

SVAMPA, Maristella. *As fronteiras do extrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro eco territorial e novas dependências*. São Paulo: Elefante, 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Cruzar y vivir la frontera: narrativas de la experiencia migratoria de mujeres migrantes fronterizas. In: CHONG, Natividad Gutiérrez; TEDESCHI, Losandro Antonio (Compiladores). *Fronteras de género, subjetividades e interculturalidad*. Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones Sociales, Universidade Federal Da Grande Dourados, Ciudad de México, 2020, p. 53-78.

TEDESCO, João Carlos. *Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: Paradoxos da alteridade nas migrações internacionais de brasileiros na Itália*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

TEDESCO, João Carlos. *Imigração no Sul do Brasil: transnacionalismos, sociabilidades e desenvolvimento econômico*. Passo Fundo: Acervus, 2022.

Recebido em 15/04/2025

Aprovado em 03/11/2025